ISSN 2177-7365

Boletim Museu Histórico de Londrina

22

PREFEITURA DE LONDRINA

Secretaria Municipal de Cultura

2021

Homens de ação fumam Lincoln!

ISSN 2177-7365

Universidade Estadual de Londrina
Museu Histórico de Londrina

Boletim Museu Histórico de Londrina

22

Boletim Museu Histórico de Londrina. Londrina, v.11 n.22 jul./dez. 2021

Universidade Estadual de Londrina

Reitor
Prof° Dr° Sérgio Carlos de Carvalho

Vice-reitor
Prof° Dr° Décio Sabbatini Barbosa

Diretora Acadêmica do MHL
Profª Drª Edméia Ribeiro

Coordenação Geral
Profª Drª Edméia Ribeiro
Rosangela Ricieri Haddad

Editores
Profª Drª Edméia Ribeiro
Rosangela Ricieri Haddad

Comissão Executiva
Ruth Hiromi Shigaki Ueda
Edeni Ramos Vilela
Amauri Ramos da Silva

Editoração
Marina dos Santos Galli

Fonte
Acumin Variable Concept
Kawoszeh

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina. -- Londrina - PR : Universidade Estadual de Londrina, v.1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina -- História. 3. Universidade Estadual de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

PREFEITURA DE LONDRINA
Secretaria Municipal de Cultura
Universidade Estadual de Londrina
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO

sumário

Apresentação 05

1 artigos

1.1 As propagandas tabagistas no jornal Folha de Londrina 1954-1968

Nabila Ricieri Haddad; Gabriel Arantes Corrêa; Júlia Oliveira Cebulski 06

1.2 Para além da casa: as mulheres da Associação das Senhoras de Rotarianos no desenvolvimento de Londrina - Pr

Bruna Carolina Monteiro 14

1.3 Das latas de biscoito para a internet: O acervo raro de Armínio Kaiser catalogado e disponibilizado online

Adja Nadine 24

1.4 Pharmacia Maria Izabel: janelas de memória em uma coleção de Museu

Carlos Eduardo da Silva Carvalho 30

2 ASAM 37

Normas para publicação 38

Equipe Técnica do Museu Histórico de Londrina 39

Museu Histórico de Londrina 40

apresentação

E chega mais uma produção do Boletim, periódico semestral publicado pelo Museu Histórico de Londrina desde 2009. Este, que agora mostramos, trata-se do vol. 11, nº 22, com apresentação de quatro artigos desenvolvidos por estudantes que estagiaram no museu. A maioria deles resultaram de projetos desenvolvidos nesta instituição, financiados pelo PROMIC – Programa Municipal de Incentivo à Cultura.

Em 2021 a jornalista Nabila Ricieri Haddad executou o projeto "Jornais Impressos: quantas lembranças de Londrina cabem em 7.000 páginas?", com a ajuda da estagiária Júlia Oliveira Cebulski e de Gabriel Arantes Corrêa. Entre os resultados desse trabalho está a produção do artigo "As propagandas tabagistas no jornal Folha de Londrina 1954-1968". Nele encontraremos uma reflexão a respeito das propagandas como fonte histórica e as ideias sobre tabagismo que apareciam nas décadas pesquisadas.

O texto de Bruna Carolina Monteiro foi fruto de outro projeto executado, em 2019, no Museu Histórico, proposto pelo produtor de vídeo Chico Senra (in memoriam), intitulado "Conservação e preservação de depoimentos gravados em Fitas Cassete e VHS". Em "Para além da casa: as mulheres da Associação das Senhoras de Rotarianos no desenvolvimento de Londrina – Pr", a aluna do curso de história analisou entrevistas salvaguardadas no "Acervo Imagem e Som", feitas com mulheres que pertenceram à Associação e buscou compreender papeis femininos nas décadas de 1930 e 40, na cidade de Londrina.

O artigo "Pharmacia Maria Izabel: janelas de memória em uma coleção de museu", escrito por Carlos Eduardo da Silva Carvalho, da mesma forma, está vinculado a um projeto desenvolvido pelo museu, com recursos do Fundo de Patrimônio do Município de Londrina, no ano de 2021, sob o título "Museu Histórico de Londrina rumo aos 50 anos: conservação e disponibilização online de acervos". Nele, Carvalho apresenta como o contato com algo exposto numa galeria – ou uma coleção acervada – pode suscitar reflexões sobre o vivido - neste caso, por meio de coleções de museus. Escolheu a coleção "Pharmácia Maria Izabel" do Museu Histórico de Londrina, para essa tarefa.

E, o quarto trabalho que apresentamos nessa edição do Boletim, é o de Adja Nadine. Em "Das latas de biscoito para a internet: o acervo raro de Armínio Kaiser catalogado e disponibilizado *online*", a autora apresenta o acervo desse famoso fotógrafo, assim como o processamento técnico deste material e sua disponibilização *online*, pela Plataforma Pergamum Museus.

Assim, com mais esse volume do Boletim, espera-se que leitores e leitoras apreciem tais artigos e que contribuam para mais reflexões sobre museus, acervos, memórias... Aos professores e professoras em especial, que seja fonte de consulta e sugestões para discussões em sala de aula.

Edméia Ribeiro

1 artigos

1.1 As propagandas tabagistas no jornal Folha de Londrina 1954-1968.

Nabila Ricieri Haddad[1]
Gabriel Arantes Corrêa[2]
Júlia Oliveira Cebulski[3]

Resumo

O presente artigo buscou analisar e problematizar três propagandas tabagistas veiculadas no jornal Folha de Londrina entre os anos de 1954-1968, dos cigarros Finesse, Lincoln e Continental, utilizando os conceitos de análise de imagem propostos por Peter Burke. Da mesma forma, objetivou-se apresentar brevemente uma conceituação sobre a publicidade e a propaganda relacionada ao tabagismo, através de questões de gênero, classe e público-alvo.

Palavras-chave: Propaganda; Publicidade; Tabagismo; Jornal Folha de Londrina, Londrina – PR.

Introdução

O Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss tem como parte do seu acervo uma vasta coleção de jornais, dentre eles está um dos principais jornais do município e que se encontra em circulação até os dias de hoje - a Folha de Londrina. Por meio do PROMIC (Programa Municipal Incentivo à Cultura), o Museu Histórico de Londrina conseguiu obter recursos para a digitalização e disponibilização de parte do acervo do periódico para pesquisa *online*, através do portal Museus Paraná.

Como ambos tivemos o privilégio de trabalhar com o desenvolvimento do projeto Museu Histórico de Londrina Rumo aos 50 anos: conservação e

---

[1]Proponente e executora do projeto cultural "Jornais impressos: quantas lembranças de Londrina cabem em 7.000 páginas?, PROMIC nº 21-102. Graduada em Comunicação, pela Universidade Estadual de Londrina.
[2]Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina.
[3]Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina.

disponibilização *online* de acervos, que digitalizou, organizou e disponibilizou para consulta virtual parte do acervo do jornal Folha de Londrina, o presente artigo objetiva analisar e problematizar alguns recortes das publicidades tabagistas veiculadas no periódico londrinense de 1954 à 1968.

Tendo em vista que o presente artigo lidou com publicidades que foram veiculadas em mídia impressa, seu embasamento teórico se deu através dos conceitos de análise de imagem, apresentados por Peter Burke, no livro Testemunha Ocular: história e imagem (2004). Burke pontua ser favorável ao uso de imagens como fontes historiográficas, algo que nos tempos da escola metódica era impensável. Considera ainda que as imagens podem tanto retratar como constituir a história, considerando que diversas vezes elas podem ser evidências de uma dimensão social complexa, já que retratam um comportamento de um tempo e uma sociedade específica.

O autor considera que as imagens têm significados variados, dependendo do contexto político, cultural e as circunstâncias específicas em que elas foram produzidas. Coloca que as imagens não são uma representação perfeita do mundo real, mas sim apresentam uma visão contemporânea do contexto e do mundo onde foram produzidas. Outro ponto destacado é que assim como na análise de fontes textuais, as imagens devem ser observadas nas entrelinhas, buscando os menores detalhes que possam ser significativos para sua análise.

1. As propagandas tabagistas e a mídia

Atualmente a publicidade tabagista passa por diversas regulações e proibições que são determinadas pela Lei Federal 9.294/96, sendo que sua veiculação não é permitida em nenhum meio de comunicação - é vetado até mesmo a propaganda através de patrocínios de clubes, equipes, campeonatos e instituições esportivas. Porém nem sempre foi assim, um exemplo disso são as diversas propagandas veiculadas no jornal Folha de Londrina.

Posto isso, é necessário delimitar algumas diferenças entre a propaganda e publicidade. A propaganda semeia ideias com o objetivo de conseguir adeptos, seguidores e converter opiniões, já a publicidade, por sua vez, busca defender interesses econômicos da indústria ou empresa (Tolotti e Davoglio, 2020). São conceitos que se confundem e no caso da

publicidade tabagista, isso é mais evidente ainda tendo em vista que o principal objetivo da publicidade/propaganda tabagista é converter adeptos a um produto e assim beneficiar a indústria e seus interesses econômicos.

Apesar de não ser o tema específico do presente trabalho, para exemplificar essa confusão entre publicidade e propaganda, podemos citar algumas propagandas tabagistas que destacavam os benefícios medicinais que o uso do tabaco traria, algo que já à época não tinha comprovação científica, pelo contrário, já era de conhecimento público e atestado por várias pesquisas que o tabaco era extremamente danoso à saúde. Porém o presente artigo foca seus estudos em uma época em que, ao menos no Brasil, a indústria tabagista ainda não sofria questionamentos sobre os malefícios que o cigarro causa.

As propagandas veiculadas em jornais, televisão, cinema, entre outros meios, desempenham um importante papel na determinação do estilo de vida, nas ideologias e até mesmo na ideia de liberdade do indivíduo que consome tal conteúdo. Segundo ADORNO e HORKHEIMER (1985) a Indústria Cultural impede que os indivíduos tomem decisões independentes e conscientemente. O avanço contínuo e desenfreado do sistema capitalista teve grande influência nesse processo, colocando os valores econômicos à frente de todos os outros, sobressaindo a ideia do "ter" e do individualismo, advindo da Indústria Cultural, de acordo com Adorno.

2. Gênero, classe e público-alvo

Segundo LOPES (2014) Até meados do século XX, as propagandas de cigarros tinham o intuito de atingir os homens, os jovens e a classe trabalhadora, por meio de propagandas com figuras públicas, frases impactantes, propagando esse hábito que passou a ser um estilo de vida muito comum entre seu público-alvo. Mas vale ressaltar que não só esse público consumia o produto, pois o consumo do cigarro e do tabaco em geral se faz presente em todas as classes sociais e gêneros, apesar de na maioria das vezes ser associado a figuras masculinas, inclusive em suas propagandas.

No caso das mulheres, as fumantes eram associadas às meretrizes, tendo essa imagem aos poucos modificada. Com o avanço do movimento feminista algumas marcas de cigarro passaram a incorporar a figura

feminina em suas propagandas de diversas formas. Alguns associavam o produto com a delicadeza enquanto outros destinavam seus produtos a esse “novo” público-alvo. De prostitutas, as mulheres que fumavam passaram a ser vistas como mulheres independentes, donas de si e modernas. Portanto é possível concluir que as propagandas buscavam tornar o cigarro uma peça sempre presente na vida dessa mulher contemporânea idealizada, que tinha sua independência e modernidade quase sempre associadas à hábitos de consumo.

Por mais que a inclusão das figuras femininas nas propagandas tabagistas ao longo do século XX tenha se tornado mais comum, os anúncios publicitários ainda eram em sua maioria voltados para o público masculino, contendo frases e figuras ligadas a imagem do homem viril e estiloso, muitas vezes inclusive sugerindo em tais propagandas que o tabaco influenciaria positivamente na atração que uma mulher sentia por um homem.

3. As propagandas veiculadas no jornal Folha de Londrina

Figura 1 - Finesse: sempre bem aceito..., Folha de Londrina, 1954.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina.

Finesse foi uma das marcas a trazer a figura feminina para as propagandas de cigarro na década de 1950. O nome da marca em si já traz uma ideia majoritariamente associada a figura feminina, como a delicadeza e a classe; o slogan "delicadeza em forma de cigarro" deixa isso ainda mais claro, além disso a frase em latim "non plus ultra", que significa nada além ou apogeu, contribui para que o leitor seja persuadido e passe a consumir o produto anunciado. Além da parte textual, a imagem contém duas mãos, uma feminina e uma masculina, dividindo um maço de cigarro Finesse, o único elemento que de fato representa diretamente a figura feminina como público-alvo e consumidora do cigarro.

Figura 2 – Homens de ação fumam Lincoln!, Folha de Londrina, 1958.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina.

A propaganda do cigarro Lincoln reúne elementos verbais e não verbais que juntos buscam convencer o leitor a consumir o produto. Na frase de efeito "homens de ação", pode-se perceber logo de início a ideia tratada no início do presente artigo acerca do direcionamento dos cigarros ao

público masculino; além disso, a caracterização feita nos remete a questão da atitude e da virilidade. Adiante, é utilizada uma série de adjetivos positivos para se referir ao leitor, com o qual é estabelecido um diálogo desde o início do texto, aproximando-o do anunciante. A descrição da qualidade do produto pode ser compreendida e associada à imagem de um homem idealizado da época, que é exigente e de personalidade marcante. O cigarro é descrito como único capaz de atender os fumantes exigentes, como o leitor presente no diálogo estabelecido. A imagem da propaganda contém um homem com trajes de mergulho, reforçando a ideia de ação apresentada no início texto.

Figura 3 - Cigarros Continental uma preferência nacional, Folha de Londrina, 1968.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina.

O cigarro Continental, em meados do século XX, foi o cigarro mais vendido da Cia. Souza Cruz, uma das principais fabricantes de produtos derivados de tabaco do país, e por consequência a marca Continental foi uma das mais vendidas do Brasil (Monteiro e Neto, sd). A marca fez deste fato o seu slogan "Continental, uma preferência nacional", que ganhou grande popularidade na sociedade brasileira, o que ajudou na propaganda e na popularização do produto. Percebe-se que o grande objetivo da propaganda pode ter a ver com o senso de pertencimento, já que ao comprar um produto muito popular entre seus pares o consumidor se sentiria satisfeito e pertencente à algum grupo de consumidores específico. Entretanto, com o surgimento de novas marcas, o público passou a migrar de uma para outra, fazendo com que a marca deixasse aos poucos de ser uma “preferência nacional” e as vendas caíssem drasticamente, obrigando a Cia. Souza Cruz a tirá-lo de linha.

Conclusão

É fato que a publicidade e propaganda tabagistas sempre surtiram efeito, o produto é amplamente consumido até os dias atuais, mesmo com diversas pesquisas atestando seus malefícios à saúde. Tal constatação é mais nítida se colocarmos em perspectiva as definições de propaganda e publicidade que foram comentadas no início do artigo, onde a propaganda semeia ideias em busca de adeptos, e a publicidade visa atender os interesses das empresas e do capital (Tolotti e Davoglio, 2020).

As empresas tabagistas se utilizavam dos mais diversos artifícios de marketing para que suas vendas aumentassem, ao associar o uso do cigarro relacionando-o com aspectos como virilidade, confiança e dinamicidade. As empresas buscavam atingir o público-alvo masculino que ao adquirir o produto estaria correspondendo a uma visão de masculinidade idealizada própria do período no qual a propaganda foi veiculada. Já quando as mulheres eram o público-alvo, as marcas buscavam associar o produto a qualidades como a delicadeza, algo que também advinha de uma visão idealizada da mulher à época da veiculação da publicidade. Fica explícito na imagem acima, que uma das estratégias que as empresas tabagistas utilizavam em suas propagandas, era a de dar destaque a enorme popularidade de seus produtos, de modo que o consumidor se sentisse compelido a comprar uma determinada marca de cigarro, fazendo assim com que ele se tornasse parte de um grupo de consumidores específicos.

É claro que os recortes apresentados neste artigo são apenas uma parcela do que a indústria tabagista veiculava como propaganda, que se fazia valer de muitos outros artifícios que não foram mencionados aqui, buscando aumentar as vendas de seus produtos. Porém é possível concluir que haviam alguns padrões de publicidade à época, principalmente a associação dos cigarros com as diferenças de gênero, ou seja, o reforço de estereótipos idealizados de homens e mulheres da época, na tentativa de definir um público-alvo para o produto, visando assim sua maior comercialização e por consequência um maior lucro para uma indústria. Segundo a OPAS/OMS (Organização Pan-Americana de Saúde/Organização Mundial da Saúde) o cigarro é extremamente prejudicial à saúde de milhões de pessoas, matando cerca de 8 milhões de fumantes anualmente.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento.** Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1985

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

SANTOS, Patricia Melo dos. **A figura feminina na publicidade das décadas de 40 e 50:** uma análise de suas representações com relação à moda, direção de arte, feminismo e sociedade. Brasília: FATECS, 2009.

MONTEIRO, Beatrice Nascimento e SILVA NETO, Francisco Pereira da. **Análise das estratégias discursivas em propagandas de cigarro da Companhia Souza Cruz, da década de 40 aos anos 2000.** Piauí [s.d.].

LEAL, Tatiane; FREIRE FILHO, João; ROCHA, Evandro. Torches of freedom: mulheres, cigarros e consumo. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 13, n. 38, p.48–72. 2016. DOI: 10.18568/cmc.v13i38.1245. Disponível em:<https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/1245>. Acesso em: 12 abr. 2021.

LOPES, L. **Páginas singulares:** propagandas de cigarro na revista Ilustração Brasileira. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina : s.n., 1954.

_____. Londrina : s.n., 1958.

_____. Londrina : s.n., 1968.

TOLOTTI, M. D.; DAVOGLIO, T. R. Evolução histórica da propaganda, legislação antitabagismo e consumo de cigarro no Brasil. Passo Fundo/RS: **Revista de Psicologia da IMED**, v. 2, n. 2, p. 420–432, 2010.

OPAS. **Tabaco,** sd. Disponível em: <https://www.paho. org/pt/node/4968>

VEDOVATO, Luís Renato; ANGELINI, Maria Carolina Gervásio. A influência da mídia para o consumo de tabaco. Brasília: **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 9, n. 1 p.127-151, 2019

1.2 Para além da casa: As mulheres da Associação das Senhoras de Rotarianos no desenvolvimento de Londrina - Pr

Bruna Carolina Monteiro[4]

Resumo

Este artigo pretende compreender o papel da Associação de Senhoras de Rotarianos na formação da cidade de Londrina, e analisar como a filantropia se tornou um meio de inserção de mulheres na vida pública. Por meio do Projeto "Conservação e preservação de depoimentos gravados em Fitas Cassete e VHS", analisaremos entrevistas de mulheres que relataram suas participações na Associação de Senhoras de Rotarianos nas décadas de 1930 e 1940, em Londrina. Os depoimentos dessas mulheres fazem parte do Acervo de Imagem e Som do Museu Histórico de Londrina. As discussões historiográficas aqui apresentadas, buscam contextualizar a cidade de Londrina nas décadas de 30 e 40, compreender os papéis femininos existentes no período, e analisar como a sociedade beneficente abriu portas para a emancipação feminina.

Palavras-chave: Associação das Senhoras de Rotarianos; Londrina - PR; Museu Histórico de Londrina; Décadas 1930-1940.

Introdução

Como estagiária do Museu Histórico de Londrina, fiz parte do Projeto "Conservação e preservação de depoimentos gravados em Fitas Cassete e VHS", em uma parceria entre o Museu Histórico de Londrina e o produtor de vídeo Francisco Senra Neto. Esse projeto tinha por objetivo recuperar e conservar parte do Acervo Audiovisual do museu, recolocando em circulação conteúdos que não estavam acessíveis por causa dos danos ao suporte ocorridos ao decorrer do tempo. Durante a minha participação no

[4]Graduanda do curso de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

projeto, tive contato com entrevistas realizadas por homens e mulheres que chegaram à Londrina nas décadas de 1930 e 1940 e seus relatos contam como chegaram à cidade, e como era o dia a dia na Londrina recém fundada pelos ingleses da Companhia de Terras do Norte do Paraná.

Entre as diversas entrevistas analisadas, as concedidas pelas senhoras Jurema Neves Canziani, Rosa Maria Lopes e Maria Luiza Figueiredo no ano de 1997, me chamaram a atenção. Todas essas mulheres comentaram sobre suas participações na Associação das Senhoras de Rotarianos de Londrina, instituição essa com objetivo filantrópico de ajudar a população carente da cidade. Ao ouvir suas histórias e a participação que tiveram no desenvolvimento de Londrina, fiquei me perguntando: por que não falamos tanto sobre elas?

Assim, meu objetivo com essa pesquisa é compreender os papéis das mulheres da Associação das Senhoras de Rotarianos de Londrina no desenvolvimento da cidade, e analisar como a sociedade beneficente abriu portas para a emancipação feminina. E também entender como o Museu Histórico tem papel fundamental na preservação e reflexão da História de diversos grupos sociais em Londrina.

Desenvolvimento

O Rotary Club é uma associação mundial masculina com o objetivo de discutir problemas e soluções para vários setores, como o comércio, a agricultura e a indústria. O Rotary Club de Londrina foi responsável pela construção de várias obras, como a Santa Casa, o Aeroclube, a Associação Comercial, a Associação de Amparo ao Menor de Londrina, o Lago Igapó, o Country Club, dentre outros. Para Rosimeire Castro (2003), as transformações urbanas em Londrina provocaram novas alianças e conflitos, grupos femininos da elite londrinense buscaram práticas mais organizadas e institucionais para combater a precariedade dos modos de vida da população mais carente. Dessa forma, fundaram a Associação de Senhoras de Rotarianos de Londrina.

A Associação das Senhoras de Rotarianos de Londrina (ASRL) foi organizada juridicamente em 18 de maio de 1952, mas suas atividades se iniciaram no final da década de 30. “A Associação das Senhoras de Rotarianos de Londrina,

teve seu trabalho assistencial reconhecido em todo o território nacional, tendo sido portadora do "Troféu Rosa de Prata" por quatro vezes." (ALVES, 2002, p.490). A ASRL organizou campanhas para a construção e manutenção da Casa da Criança, hospitais, creches e orfanatos, e confecção de roupas para crianças carentes. Jolinda Alves (2002) explica como eram organizadas as atividades da associação:

> A cada mês um grupo de senhoras de rotarianos era escalado para realizar as visitas aos pobres atendidos pelas Instituições assistenciais de Londrina, a fim de levar donativos. O grupo escolhido, geralmente composto de dez senhoras, definia o dia e horário da visita à entidade previamente definida em reunião. A fim de adquirir os bens e objetos que seriam doados, angariavam fundos ou dividiam as despesas entre si. (ALVES, 2002, p. 484).

Nas primeiras décadas do século XX, a família burguesa judaico-cristã se constitui a partir da autoridade masculina. O homem é o possuidor da renda e que administra a economia da casa, e, portanto, é o que tem poder em relação à esposa e aos filhos. Hashimoto e Simões (2012) apontam que a autoridade do homem é configurada a partir da ideia de um pai justo submisso às leis, que tem seu poder mediado pelo Estado. O casamento é visto como um acordo consensual que preza o amor e a prosperidade econômica.

Em Londrina, o pioneirismo era relacionado à bravura e coragem do homem, ao seu trabalho que gerava riqueza, principalmente quando relacionado à conquista de terras. As características relacionadas à ideia de pioneiro, refletiam na produção de café e conquistas de terras no Norte do Paraná. Para Bruno da Silva (2016), a palavra "pioneira" não é associada às mulheres porque a população não espera atos de coragem e determinação delas. O pioneirismo relacionado às mulheres da ASRL se dá em relação a elas serem casadas com homens que são considerados pioneiros na cidade.

> A categoria "pioneira" sempre foi muito vaga e pouco referenciada, pois à figura feminina, no pensamento normativo, não se associa a imagem de bravura que a empreitada pioneira demandaria, sendo, portanto, as mulheres, em grande parte, preteridas na memória oficial tradicional, ou então são a elas imputadas outras representações, provocando um distanciamento entre as categorias de "pioneiro" e "pioneira". (SILVA, 2016, p. 93-94).

As mulheres da associação encontraram formas de utilizar as práticas femininas que aprendiam desde a infância para ajudar o próximo. A etiqueta de um jantar, a preparação de alimentos, a costura, entre outras coisas, se tornaram meios de se inserirem na sociedade. Como não podiam participar dos encontros masculinos que discutiam assuntos mundiais, se voltaram aos problemas de sua própria cidade, viram a falta de subsídio que havia para a população mais carente e se organizaram para agirem nesse ponto. Mesmo inseridas no âmbito privado do lar, tiveram uma visão muito mais ampla do mundo. Castro (2003) argumenta que:

> A filantropia foi para as mulheres uma experiência de muita relevância, que em muitos casos acabou não só por transformar a sua visão de mundo e as ideias que tinham de si mesmas, daquilo que eram capazes de realizar como até mesmo por inseri-las na vida pública. (CASTRO, 2003, p. 277).

Algumas das inúmeras atividades beneficentes realizadas pela associação, são campanhas de arrecadação de materiais básicos de higiene e cozinha para a Santa Casa (Irmandade da Santa Casa de Londrina), assistência a doentes e suas famílias, campanha de arrecadação de roupas, remédios e alimentos para famílias em necessidade, e confecção de enxovais para recém-nascidos. De acordo com Jolinda Alves (2002), outras ações realizadas pela associação são:

> Entre as muitas construções realizadas pela ASRL e doadas a irmandades ou associações para assistência social em Londrina, a primeira foi a construção do Lar Escola Rotary [...] A maior doação realizada pela ASRL foi para a construção da Creche Nossa Senhora de Fátima, com colaboração das Damas de Caridade e do bispo de Londrina, Dom Geraldo Fernandes [...]. (ALVES, 2002, p. 488).

O papel de esposa era fundamental para que elas tivessem essa autonomia de agir. "Os homens dedicavam-se aos intercâmbios, às ações institucionais, ao lazer, enquanto as mulheres cuidavam das ações sociais do Clube, consideradas como extensão daquelas atinentes ao cuidar" (CASTRO, 2003, p.267). Assim, "algumas características de personalidade são estimuladas e identificadas; no homem, por exemplo, a competição e agressividade; na mulher, a sensibilidade, a capacidade de observação, o cuidado e a afetividade". (HASHIMOTO; SIMÕES, 2012, p. 07).

Jurema Neves Canziani, Maria Luiza Figueiredo e Rosa Maria Lopes participaram da Associação das Senhoras de Rotarianos em Londrina e, em 1997, concederam uma entrevista ao Museu Histórico de Londrina sobre suas vivências na cidade. Canziani comenta que era comum a participação feminina em eventos sociais e na vida pública, "o grupo que existia aqui de senhoras participava de tudo, era no clube, na religião, na caridade" (CANZIANI, 1997).

Contudo, Canziani argumenta que "eram convidadas as mulheres que os maridos tinham algum cargo importante" (CANZIANI, 1997). Logo, entende-se que a participação feminina nos eventos públicos era reservada às mulheres que pertenciam a uma elite local. Por conseguinte, a população feminina de classes mais baixas e mulheres solteiras, não participaram tão ativamente em eventos sociais. A posição social em que se encontrava a mulher da elite londrinense, lhe permitia frequentar locais e exercer sua individualidade de formas que eram inimagináveis para as mulheres que não estavam inseridas nesse meio.

Rosa Lopes e Maria Figueiredo (1997) relatam na entrevista que a associação se reunia na casa de Maria Souza Mello, a primeira presidente da ASRL, para costurarem enxovais para bebês de famílias de baixa renda na Santa Casa. Elas também cozinhavam todos os salgados e doces que eram vendidos na Quermesse Encantada, um dos eventos mais esperados do ano pela sociedade londrinense, e organizavam jogos para serem realizados no local, como pescaria, lançamento de argolas e bingo. No decorrer do evento, as senhoras da associação se dividiam nas tarefas, desde atender ao público como ficar no caixa. Todo o dinheiro arrecadado ficava na responsabilidade delas e decidiam como seria utilizado posteriormente nas ações filantrópicas.

A ASRL também criou a Boutique Encantada, em que costuravam roupas para crianças e vendiam peças de decoração e utensílios domésticos. Alves destaca que "as senhoras da sociedade esperavam a promoção para comprar peças de enxovais para suas filhas em idade próxima ao casamento" (2002, p. 344). No decorrer da entrevista, Rosa Lopes comenta que havia outras formas de arrecadação de dinheiro além de organizações de eventos: "nós fazíamos pedágio, ficávamos na estrada parando caminhão pra pedir dinheiro" (LOPES, 1997.) O ato de irem até as estradas pedir dinheiro para os motoristas que passavam pelo local, mostra como as ações filantrópicas organizadas por essas senhoras

extrapolavam comportamentos socialmente aceitos como femininos.

Para Rosimeire Castro (1994), após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), houve uma campanha nacional com o objetivo de inserir as mulheres em ações beneficentes em prol das grandes causas, visando a defesa da ordem social e moral na sociedade. O período de Guerra possibilitou que muitas mulheres assumissem a administração da família em decorrência da presença dos homens nos campos de batalha. De acordo com Hashimoto e Simões (2012), essa mudança social permitiu que a ideia de individualidade e realização pessoal fosse possível para inúmeras mulheres que até então estavam restritas apenas ao lar.

> Por meio de suas produções e de modo informal e muito timidamente, algumas mulheres ingressaram no mercado de trabalho. O trabalho era importante não apenas como complemento da renda familiar, mas também, por suas consequências sociais, tais como: transformações nas expectativas de realização pessoal e profissional, independência financeira, a alteração nas relações familiares e entre a mãe e os filhos, etc. (HASHIMOTO; SIMÕES, 2010, p. 09).

Era extremamente importante que essas senhoras seguissem o comportamento e os ideais esperados das mulheres da alta sociedade, para que assim fossem bem vistas e respeitadas. “As reuniões da ASRL se realizavam nas residências de suas associadas, uma vez por mês. Havia muito requinte quando a anfitriã oferecia um jantar [...].” (ALVES, 2002, p. 490). A importância da imagem que a mulher tinha para poder participar da vida pública, é discutida por Rosimeire Castro (1994):

> Vigorou por muito tempo, o ideal da "moça prendada", capaz de participar da vida social em formação, inserindo-se desta forma, na esfera pública de maneira elegante e inteligente, assim como assegurando seu desempenho na esfera íntima, a partir do aprendizado do bordado, costura e pintura, num verdadeiro ritual de preparação para o casamento. Essa orientação compôs os aspectos da "boa educação" que permaneceu aliada ao conteúdo da educação formal. (CASTRO, 1994, p.75).

A ASRL representa um grupo feminino que conseguiu acessar mais facilmente o domínio masculino por pertencerem a um grupo social privilegiado

econômica e politicamente, desfrutando de seus privilégios para promoverem ações que ajudassem o próximo e mostrasse o quão engajadas em ações sociais as mulheres podem ser. Assim como, o reconhecimento que mulheres podem mobilizar muitas pessoas em prol de uma causa, administrar dinheiro e promover a construção de ambientes necessários para a qualidade de vida, como hospitais e creches. O olhar cuidadoso das senhoras da ASRL ajudou a sociedade londrinense a perceber o quanto a população de Londrina precisava de atenção e cuidados, principalmente mães e crianças de baixa renda. Sobre o impacto da ASRL na vida da população carente de Londrina, Castro (2003) argumenta que:

> As mulheres fizeram a diferença na filantropia e assistência. Elas trouxeram para a vida pública experiências distintas e uma outra perspectiva das relações sociais, que acrescida à dos homens ampliaram o âmbito de suas ações de assistência às crianças e mulheres, à maternidade e a infância. Apesar de desconhecerem as discussões sobre os direitos reprodutores femininos ou acerca de políticas públicas relacionadas às questões familiares, estas mulheres prenunciavam uma crítica, embora modesta, à ausência de assistência social do estado às mulheres e crianças pobres. (CASTRO, 2003, p. 246).

Conclusão

Trabalhos historiográficos que buscam resgatar as mulheres na História são de suma importância para entender os papéis de gênero no desenvolvimento da cidade. Os depoimentos orais realizados por Jurema Canziani, Maria Luiza Figueiredo e Rosa Maria Lopes, permitem ao público ter contato com interpretações pessoais do período histórico em questão. De acordo com Alessandro Portelli (1997), fontes orais não contam apenas o que o povo fez, mas o que acreditavam estar fazendo, é um processo cheio de significações. São relatos subjetivos e pessoais.

O Museu Histórico de Londrina, ao preservar esses depoimentos orais e disponibilizar para consulta pública, permite que a população londrinense conheça a presença, memória e a História de diversos grupos que formaram a trajetória da cidade. Com a entrevista, as memórias de mulheres que viveram nas primeiras décadas de Londrina são preservadas, assim como suas impressões das atividades da ASRL, tanto tempo depois. Irene Nakou (2006) discute sobre a importância dos depoimentos orais para a inserção de grupos antes

marginalizados na História:

> Museus contemporâneos tendem a usar a história oral, significados visuais, multimídia eletrônica e a internet, além de objetos, para apresentar temas e histórias particulares. Integrando as fontes táteis, visuais e orais, juntamente com imagens eletrônicas móveis e hipertextos, os museus parecem ter-se tornado mais democráticos, permitindo o reconhecimento de diferentes comunidades e culturas, acessando públicos diferentes. (NAKOU, 2006, p. 04).

Assim como as rotarianas que promoveram inúmeros projetos beneficentes na cidade, as mulheres de realidades menos favorecidas também marcaram o desenvolvimento de Londrina, através da organização da casa, da criação dos filhos e da alimentação de todos os moradores de seu lar, "[...] num trabalho não-remunerado, não contabilizado de dona-de-casa." (CASTRO, 1994, p. 95). Há também aquelas que trabalhavam nos campos e em fábricas para conseguir meios de subsistência. Hashimoto e Simões (2012) discorrem que nas primeiras décadas do século XX há um número significativo de mulheres inseridas no mercado de trabalho como mão-de-obra barata, exercendo suas funções em condições precárias e com baixo salário.

Essas mulheres que não se casaram com homens importantes são esquecidas na historiografia, como presenças que passaram pela cidade, mas não deixaram marcas. Um número maior de pesquisas que busquem resgatar presenças femininas na trajetória de uma cidade é essencial para que a sociedade contemporânea repense o protagonismo masculino na humanidade.

Seja em atividades sociais, trabalhando em fábricas ou cuidando de seu próprio lar, as mulheres estão desenvolvendo pensamentos, sonhos, discussões e exercendo sua individualidade.

Referências bibliográficas

ALVES, Jolinda de Moraes. **História da assistência social aos pobres em Londrina:** 1940-1980. 2002. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Assis. 2002. 544 p. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103193/alves_jm_dr_assis.pdf?sequence=1. Acesso em: 09 de Set. 2021.

ARAÚJO, Nelma Camelo; CALDERON, Wilmara Rodrigues; MORENO, Nadina Aparecida. O profissional arquivista e o registro da memória institucional do Rotary Club de Londrina. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2010, Rio de Janeiro. Repositório. p. 1-19. Disponível em: http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/2238/O%20profissional%20-%20Moreno.pdf?sequence=1. Acesso em: 09 de Set. 2021.

CANZIANI, Jurema Neves; LOPES, Rosa Maria, Olga; FIGUEIREDO, Maria Luiza. **Depoimento.** Londrina: MHL, 19971022. Entrevista concedida a Prof. Conceição Aparecida Duarte Geraldo. Fita VHS original (1h 04m 41s aprox.), pertencente ao acervo do MHL/UEL. (Projeto O cotidiano da mulher londrinense) Versão digital: Senra Neto, Francisco. Projeto "Conservação e preservação de depoimentos gravados em fitas cassete e VHS" Londrina, PROMIC, 2019. CA 219899; FV 009

CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. **Ecos da memória:** uma contribuição à história da vida quotidiana de mulheres no Paraná (1930/1975). 2003. Tese (Doutorado em História) - PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo. 2003. 333 p.

CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. **O cotidiano e a cidade:** práticas, papéis e representações femininas em Londrina (1930-1960). 1994. Dissertação (Mestre em História do Brasil) - Universidade Federal do Paraná, Pós Graduação em História. Curitiba. 1994. 330 p.

HASHIMOTO, Francisco; SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Vozes dos Vales da UFVJM:** publicações acadêmicas, Minas Gerais, nº 02,10/2012. p. 1-25. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%c3%a7%c3%b5es-familiares-do-s%c3%a9culo-XX_fatima.pdf. Acesso em: 09 de Set. 2021.

NAKOU, Irene. Museus e Educação histórica numa realidade contemporânea em transição. **Educar**, Curitiba, Especial, p. 261-273, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/yr3gj8rHNVwVqKR65 F57wxB/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 09 de Set. 2021.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, Jan/Jun. Cultura e representação. 1997. Disponível em: https://revistas.pucsp.b r/revph/article /view/11233. Acesso em: 09 de Set. 2021.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. As mulheres pioneiras no Memorial do Pioneiro: inscrições e relações de gênero no espaço urbano de Londrina – PR. **Patrimônio e Memória**, Assis, v.12, n. 1, p. 92 - 121, 2016. Disponível em: <http://pemiassisiu nespibr/indexiphp/pem/article/viewFile/612/878i >. Acesso em: 09 set. 2021.

1.3 Das Latas de Biscoito para a Internet: O Acervo raro de Armínio Kaiser Catalogado e Disponibilizado Online

Adja Nadine[5]

Resumo

Apresenta a Coleção Armínio Kaiser, salvaguardada no Museu Histórico de Londrina, o seu processamento técnico e disponibilização online.

Palavras-chave: Arminio Kaiser; Fotografia; Museu Histórico de Londrina

O olhar único e preciso de Armínio Kaiser (1925-2014) finalmente começa a ser disponibilizado em sua totalidade na internet. Em 2017, o Museu Histórico de Londrina inicia a inserção desta coleção na Rede de Informações Museus Paraná, o Pergamum, para consultas online e gratuitas. Um inventário com mais de 13 mil documentos fotográficos e escritos em breve estará acessível para curiosos, pesquisadores e amantes de fotografia para consulta online através do link: *www.memoria.pr.gov.br.*

Com o propósito de estudar agronomia para contribuir na erradicação da fome no mundo (COSTA, 2013, p. 1), Kaiser formou-se em engenharia agrônoma e ingressou no Instituto Brasileiro do Café (IBC) entre 1952 até 1989, onde desenvolveu suas habilidades fotográficas enquanto percorria com seu jipe por inúmeras cidades do Estado de São Paulo, estendendo-se, posteriormente, por Minas Gerais e Rio de Janeiro, prestando assessoria técnica aos agricultores e cafeicultores. (COSTA; CHOMA, 2012, p. 232).

Incentivado pela arte da fotografia ensinada por seu avô, o fotógrafo Manoel Gonsalvez da Silva, Kaiser levava consigo em suas viagens até quatro câmeras, de filmes no formato 6x6 cm ou 35 mm, nas quais

[5]Licenciada em História pela UEL (Universidade Estadual de Londrina), estagiou no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss desenvolvendo os processos de catalogação e guarda da Coleção Armínio Kaiser.

registrava informações referentes aos processos e técnicas de plantio e colheita do café. No entanto, em 1957 é transferido para o Paraná, "[...] a fim de incentivar o controle da erosão que assolava a região de Paranavaí [...]". (Idem, Ibidem, p. 232).

Essa mudança de região, do Sudeste para o Sul, é muito observada em sua coleção fotográfica: as imagens capturadas entre as duas regiões permanecem como tema a cafeicultura, porém, é perceptível o foco em que as primeiras estão para a coleta de informações sobre as técnicas agrícolas enquanto que as segundas, voltam-se para o cotidiano e as condições de vida do trabalhador rural.

> As fotografias revelam cenas cotidianas da vida nas comunidades rurais do interior do Paraná, um estado em processo de urbanização e em busca da "modernidade". São primorosos registros e permitem visualizar desde a queimada e derrubada de árvores em terras inexploradas até o preparo da terra para plantio. As etapas do cultivo aparecem com detalhes: dos viveiros à cova; da florada à colheita; da secagem e transporte à classificação e armazenagem. Trazem para perto de quem as contempla o cotidiano nas colônias de trabalhadores – casas, bares, famílias, lavadeiras no rio. Boiada na estrada, escola, procissão, estilingue. Revelam a tragédia da erosão em terras arenosas de Paranavaí, a devastação dos cafeeiros pelas geadas, os efeitos do grande incêndio rural de 1963. Múltiplas reminiscências do que Armínio denominou de desassossego – a miséria e o êxodo rural enfrentados por muitos trabalhadores após a erradicação de grande parte das lavouras de café na região norte do Paraná. (COSTA; CHOMA, 2012, p. 234)

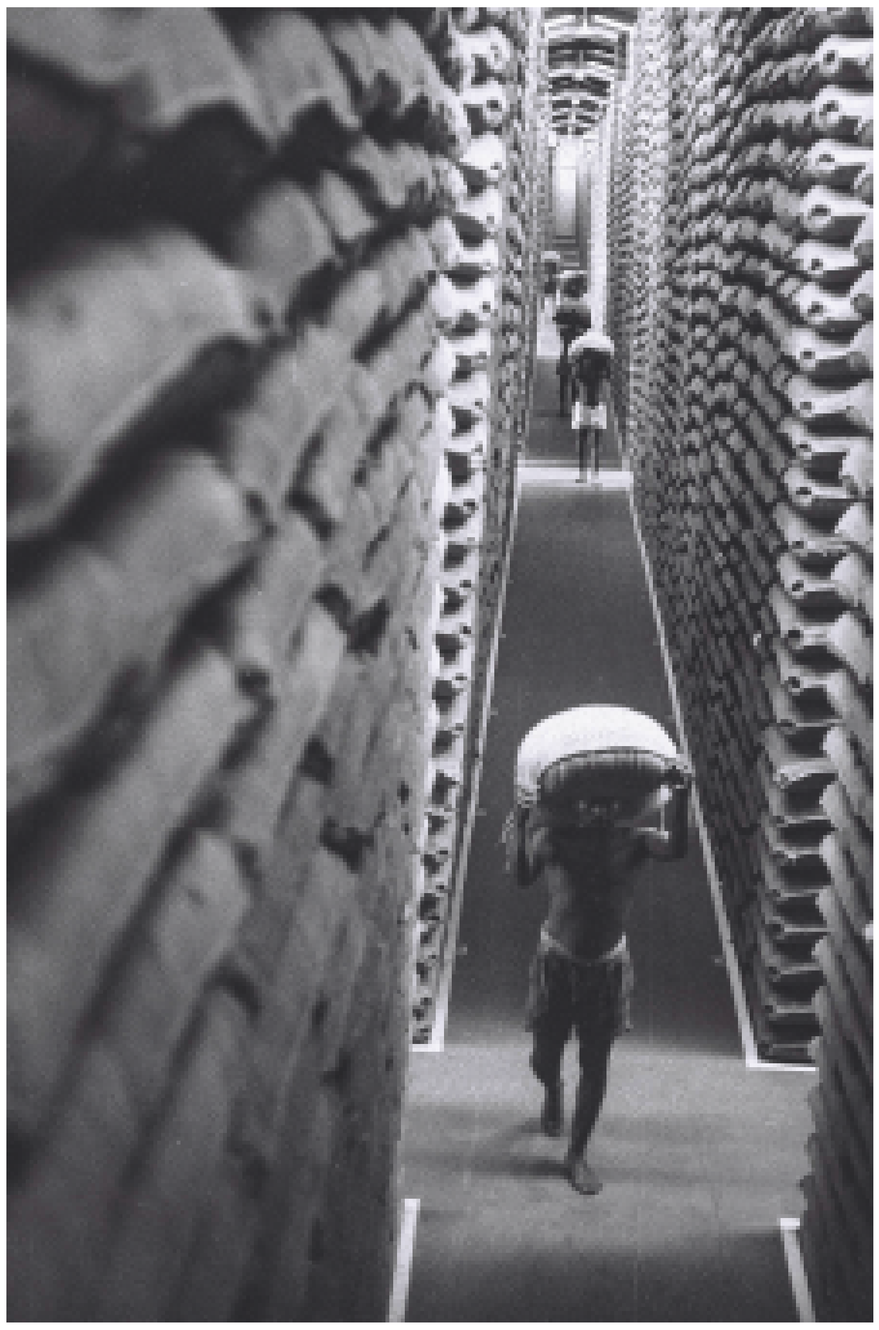
Essa coleção veio ao público quando o fotógrafo doou uma seleção de fotos de seus registros em cafezais para o Instituto Câmara Clara, este que, por sua vez, resguardou, catalogou e disponibilizou na internet as pesquisas referentes às fotografias de Armínio Kaiser no projeto O Sabor do Café, a partir de acompanhamento do próprio agrônomo e, também, da produção de história oral a partir de entrevistas com trabalhadores rurais do Norte do Paraná. Este protejo teve sua extensão com incentivo cultural da PROAC em abranger esta ação patrimonial às fotos referentes aos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, de nome Ao Aroma do Café.

Mas foi um ano após a morte do agrônomo, em 2015, que sua filha Olga Kaiser doou a coleção completa de registros fotográficos, assim como diários, livros e outros escritos, para o Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

Contendo um acervo fotográfico distribuído em mais de 13 mil materiais (negativo de vidro e sais de prata; slides; copiões; envelopes etc.), a Coleção Armínio Kaiser foi detalhada por inventário e higienizada para, então, ser catalogada e divulgada através da internet para curiosos e pesquisadores. Segundo a filha do agrônomo, durante entrevista para a realização do documentário Ao Aroma do Café produzido pelo Instituto Câmara Clara, a família optou por doar este material ao Museu Histórico para que a sociedade tivesse acesso às contribuições do fotógrafo nos estudos relacionados à cafeicultura.

Graças ao empenho de Armínio em conservar suas fotografias em latas de biscoito Aymoré, as informações das fotografias estão acessíveis aos processos de catalogação da coleção. O fotógrafo, enquanto realizada seus registros nas cidades e cafezais, anotava previamente em diários – em guarda no MHL – todas as informações referentes às fotografias que realizava: local, data, as vezes nome da pessoa fotografada e assim como descrições da técnica agrícola fotografada e configurações da câmera – tempo de exposição, abertura do diafragma, ISO e, as vezes, a lente utilizada para a foto.

Figura 1 - Homens carregando sacos de café pelo corredor do armazém do JBC em Jbiporã, 17/'02/'1967. Foto de Armínio Kaiser.



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina.

Todas estas informações eram transcritas posteriormente no verso de pequenos envelopes de diversos tamanhos nos quais eram armazenados "negativo por negativo", seguido de uma pequena revelação colada na frente do negativo – em alguns o fotógrafo desenhava por cima o recorte que desejava para a foto, reposicionando o ponto central dela. No MHL, estes envelopes não têm mais a função de guardar os negativos – que foram realocados em novos envelopes e postos em ordem em armários de aço anti-chamas – mas sim, serem a fonte principal de coleta de informações das fotos antes de serem inseridas no *Pergamum*.

Após a coleção ser doada ao Museu – formalizada pela assinatura do Termo de Doação – ela passa pelo processamento técnico que, além de realizar o inventário total da coleção, executa o processo de higienização para, depois, ser armazenada em condições adequadas de temperatura e umidade para fins de retardar a deterioração dos objetos. No caso da fotografia, no entanto, é prevista a revelação de novas cópias para os negativos recebidos, assim como a digitalização em alta resolução de cada imagem, fazendo com que as originais sejam armazenadas longe do manuseio para resguardar sua maior durabilidade.

Assim sendo, após todos os procedimentos de limpeza e conservação serem realizados em cada item, dá-se início a etapa da catalogação: as informações de cada imagem são indexadas aos metadados para, posteriormente, serem agrupadas em categorias e subcategorias. Estas, respeitando processos metodológicos específicos, visam melhorar e agilizar as futuras consultas públicas e pesquisas acadêmicas.

Para a catalogação do acervo, foram respeitados os procedimentos básicos da Ciência da Informação como forma de amenizar a subjetividade do analista sobre o documento. Desta forma, houve a categorização das imagens em três grupos: pré-iconográfico, iconográfico e iconológico (BOCCATO; FUJITA, 2006, p. 90). Caracterizando, respectivamente, em grupos primários de características genéricas – por exemplo: artística; família; cafeicultura; etc.); seguindo na descrição básica da imagem ao gerar um código de acervo – "Homens carregando sacos de café pelo corredor do armazém do IBC em Ibiporã, 17/02/1967"; e, por fim, interpretar a imagem de forma significa em um contexto e função social – os registros fotográficos que, além de terem a função de coletar informações raras a respeito do desenvolvimento da cafeicultura, também tiveram relevância ao expor críticas sociais às condições de trabalho da sociedade rural.

Após estas fotografias serem organizadas em categorias e subcategorias – recolhendo todas as informações em envelopes, diários e entrevistas –, o acervo digitalizado é disponibilizado para consultas gratuitas através da Rede de Informações Museus Paraná, contendo todos os metadados que facilitem a procura temática nas ferramentas de busca do site, assim como o aprofundamento nos conteúdo específicos da imagem (SIMIONATO, 2017, p. 538).

Tati Costa, após desenvolver extensas pesquisas em contato com o acervo fotográfico de Armínio Kaiser, defende: "[...]. Trata-se de um acervo de significativa relevância no panorama das pesquisas sobre história da cafeicultura, quando observamos o repertório de fontes fotográficas sobre o café, em que pouco se encontra a respeito do Paraná no século XX." (COSTA; CHOMA, 2012, p. 233).

Os cuidados para a salvaguarda da Coleção Armínio Kaiser não devem ser vistos apenas como tentativas em eternizar e divulgar obras raras do agrônomo, mas, também, em disponibilizar um material rico em conteúdo no qual contribui para o desenvolvimento de estudos econômicos e sociais nos assuntos sobre cafeicultura e trabalhadores rurais. Colocando os trabalhos desenvolvidos no Museu não mais como uma vitrine saudosa do passado e sim, como uma base institucional necessária para ampliar os olhares sobre a construção cultural a partir das relações entre sujeito e objeto. O Museu Histórico tem a sua função social reafirmada ao ensinar, acolher e divulgar a pluralidade e complexidade da sociedade, não sendo um local para depósitos de objetos e sim, um local para promover problemáticas históricas através de ações educativas e disponibilizar fontes para pesquisas acadêmicas.

Referências bibliográficas

BOCCATO, Vera R. C.; FUJITA, Mariângela Spotti L. **Discutindo a análise documental de fotografias:** uma síntese bibliográfica. Cadernos BAD, Lisboa, ano 43, n. 2, p. 84-100, 2006.

COSTA, T. L. O biscoito fino de Armínio Kaiser. Das antigas latas de biscoito Aymoré para o mundo, percepções de um fotógrafo sobre o fluxo de suas imagens no tempo presente (1953 - 2013). In: Encontro Regional Sudeste de História Oral, 10., 2013, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2013. Disponível em:<https://ww.sudeste2013. historiaoral .org.br/resources/anais/4/1373384699_ARQUIVO_Textocompleto-Tati Costa_2_.pdf>.Acesso em: 09 set. 2021.

COSTA, T. L. ; CHOMA, D. Produção audiovisual e história oral: notas sobre a cafeicultura nas imagens de Armínio Kaiser. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 1, p. 549 - 563, 2012. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/ rho/article/view/251> Acesso em: 09 set. 2021.

INSTITUTO CÂMARA CLARA. **Ao Aroma do Café.** Disponível em: <youtube.com/watch?v=cmRVUWf6G04>. Acesso em 24 jan. 2020.

SIMIONATO, Ana C. Métodos de análise de assunto em fotografias: estudo no âmbito do ensino da representação da informação. **Revista Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 532-545, maio/ago. 2017.

1.4 Pharmacia Maria Izabel: Janelas de Memória em uma Coleção de Museu[6]

Carlos Eduardo da Silva Carvalho[7]

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir, com apoio em material bibliográfico, sobre as possibilidades abertas por uma exposição de acervo de museu na construção da memória social. Em sequência, é apresentada a coleção "Pharmacia Maria Izabel" do Museu Histórico de Londrina, em fase de digitalização por meio do projeto de extensão "Museu Histórico de Londrina rumo aos 50 anos: conservação e disponibilização online de acervos", além de contextualizar bibliograficamente registros sobre a antiga farmácia.

Palavras-chave: Pharmacia Maria Izabel; História da Saúde; Londrina - PR; Museu Histórico de Londrina.

Acervos e Memória: construção do conhecimento histórico

É comum que exista a ideia do museu como um depósito de velharias e coisas empoeiradas. É comum, também, a ideia do estudo da História como uma atividade enfadonha, marcada por leituras intermináveis acompanhadas por um forte cheiro de mofo. É bem verdade que o estudo da História exige daqueles que a ela se dedicam muito estudo e o consumo de uma grande variedade de materiais, de textos a imagens, de relatos a objetos. É verdade, também, que o acervo de um museu pode parecer a olhos destreinados como um simples apanhado de rejeitos que algum dia pertenceram a alguém.

[6]Trabalho derivado da participação no projeto de extensão "Museu Histórico de Londrina rumo aos 50 anos: conservação e disponibilização online de acervos".
[7]Graduando na Licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina.

Entendemos, em conformidade com Leite (2006) que, na verdade, museus podem ser entidades vivas, em relação dinâmica com a sociedade, instituições que nascem, crescem e podem morrer, que desenvolvem práticas em conjunto com a sociedade, de forma ativa e repleta de movimento. Os museus são locais privilegiados de memória, com a coleção de objetos produzidos pela humanidade em determinado momento histórico, organizados com vistas a uma série de objetivos possíveis.

Conforme argumentamos, é de grande riqueza que os museus sejam espaços privilegiados de encontro com o diferente (LEITE, 2006), seja em dimensões culturais, temporais ou espaciais. É nessa possibilidade de diálogo com uma exposição, com a organização de materiais singulares e a apresentação de uma narrativa, que um sujeito com experiências próprias e noções igualmente particulares de mundo pode refletir, aprender, ler e compreender algo sobre o mundo do qual fazemos parte.

Um espaço que promova o contato com aquilo que não se faz mais presente na realidade social, ou que não é comumente apresentado da forma particular em que é numa exposição, é importante justamente pela possibilidade de, a cada leitura realizada por um espectador, este objeto ou imagem encontrar uma janela para o presente vivo, onde se torna novamente um elemento ativo da realidade e participa de um processo de leitura e aprendizagem (LEITE, 2006). Cada um desses processos é marcado pelas singularidades dos que observam e permitem o florescimento de compreensões distintas de mundo a partir dos plurais resultados que podem se desprender de cada observação.

Quando tratamos de um acervo museológico com uma coleção de itens cotidianos do passado, há uma série de importantes possibilidades. Os frequentadores de um museu, independentemente de sua idade ou origem, de crianças a idosos, de uma situação financeira estável ou empobrecida, viverão experiências únicas e importantes no encontro com as exposições. A forma que um idoso olhará para a disparidade tecnológica de um período que pode ter vivido com o presente, por exemplo, é muito diferente da forma como uma criança o fará. O contato com o exposto pode suscitar uma série de reflexões da maior importância sobre o mundo vivido (PACHECO, 2010). Pode-se questionar, por exemplo - em referência ao caso que aqui exploraremos - o efeito do contato de uma pessoa que vive diariamente as dificuldades de acesso à saúde de qualidade, com uma exposição sobre as práticas de saúde num tempo

histórico mais ou menos afastado. O elemento central que procuramos aqui discutir, é a identificação do mais amplo espectro de possibilidades existentes na leitura de uma exposição de museu quando o acesso é amplo e democrático.

Hoje, a forma técnica de se preservar e difundir a memória ganha novos patamares e é possível por meio de acervos digitais, exposições e coleções online, conhecer toda uma gama de patrimônio humano antes inacessível. Estes espaços, com possibilidades cada vez maiores de sofisticação, podem ser pensados, nos termos em que discutimos, como espaços não apenas de exposição, mas também de produção de conhecimento (PACHECO, 2010).

O Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss vem realizando o esforço - com o importante e dedicado trabalho de seus funcionários e estagiários - de disponibilizar o contato em formato digital com diversas partes de seu acervo, desde fotografias, passando por jornais e chegando a objetos tridimensionais. Esta, que consideramos uma empreitada da maior importância no caminho da democratização do conhecimento e do patrimônio de Londrina, permitindo uma forma de contato diferente com o Museu, já possibilita acessar grandes coleções[8].

Pharmacia Maria Izabel: uma coleção no Museu Histórico de Londrina

Dentre as diversas coleções - desde as fotografias e recortes de jornal, até grandes peças tridimensionais - que o Museu Histórico de Londrina agora digitaliza, está toda uma série de objetos que pertenceram à antiga "Pharmacia Maria Izabel". Este vasto acervo, agora disponível para o estudo dos historiadores e para a exposição ao público, deve permitir, para além do sentimento lúdico ao se deparar com instrumentos laboratoriais e farmacêuticos com três quartos de século de idade, uma série de importantes reflexões sobre a história londrinense e a história da saúde.

Aqueles que em meados dos anos de 1940 e 1950 estivessem caminhando pela Avenida Paraná na região da Praça Marechal Floriano Peixoto e adentrassem as portas do número 431, se depariariam com um mobiliário de madeira pelas paredes, produtos em mostruários de vidro, uma balança a quem quisesse se pesar, um balcão com uma caixa

[8]http://www.memoria.pr.gov.br/biblioteca/index.php

registradora, e empregados vestidos em branco utilizando uma escada que desliza pelos armários para apanhar produtos nas prateleiras mais altas (GAWRYSZEWSKI, 2014). Provavelmente seria uma visão próxima disso que teria quem estivesse nas dependências da "Pharmacia Maria Izabel".

Durante várias décadas "Maria Izabel" foi uma grande referência farmacêutica na região. Fundada em dezenove de junho de 1939 por um paulista e um catarinense chegados a Londrina em 1938 - José Schietti e Orestes Medeiros Pullin, respectivamente -, a farmácia se localizava inicialmente onde hoje encontramos as lojas Riachuelo e Americanas (Av. Paraná, entre as ruas Pernambuco e Professor João Cândido) e foi a quinta a se instalar na cidade. Legalmente registrada como "Pullin & Schietti", publicamente foi batizada em carinhosa homenagem com nome da filha de Orestes Pullin, Maria Izabel. Com a prosperidade, os donos puderam logo mudar as instalações do ofício para um prédio próprio, em alvenaria, não muito longe das antigas instalações: o novo endereço foi na própria Avenida Paraná, no número 431, com a frente voltada para a Praça Marechal Floriano Peixoto (UNFRIED, 2012. BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013). Há registro ainda de que a farmácia mudou mais uma vez de endereço, no fim se estabelecendo na avenida São Paulo, onde permaneceu até o encerramento das atividades (GAWRYSZEWSKI, 2014).

Cidadãos do século XXI, distantes destes já longínquos anos, temos quase por regra a compra de medicamentos processados industrialmente e muitos de nós jamais entramos numa farmácia de manipulação ou consumimos medicamentos compostos ali, no local onde os compramos, manufaturados especialmente para aquela situação. Para aqueles que viveram nos primórdios da edificação da cidade de Londrina, contudo, a situação era bastante diferente. De acordo com depoimentos de contemporâneos, até meados dos anos de 1940, 80% dos produtos farmacêuticos que se consumia eram manipulados nas farmácias (pode-se imaginar a dificuldade de conservação para longo prazo destes produtos com as técnicas da época) (MICHETTI, 1997). Foi depois destes anos que a indústria do ramo farmacêutico passou a investir em propaganda e difusão dos industrializados em detrimento das fórmulas manipuladas tão presentes então (YAMANE; OLIVEIRA, 2012). Vale mencionar que, na farmácia Maria Izabel, os medicamentos não manipulados vinham da farmácia Drogasil de Ourinhos, ou eram comprados em São Paulo, trazidos de trem ou buscados diretamente por Schietti (GAWRYSZEWSKI, 2014).

Era na atividade de moer insumos, realizar pesagens minuciosas, misturar os produtos, encapsular em invólucros feitos de amido ou pequenos quadrados de papel manteiga, que alguns dos manipulados eram preparados para atender aos enfermos (MICHETTI, 1997). Alguém fosse à procura de aspirina, o funcionário realizaria o preparo do medicamento com os sais necessários - talvez moendo os insumos num almofariz[9] -, pesaria as doses, e fecharia os preparos em pequenos papéis celofane transparentes. Além destes casos mencionados, imensa variedade de produtos era manipulada nestas farmácias, partindo de pomadas e passando por xaropes, supositórios, pílulas, óvulos vaginais e toda uma vasta diversidade medicamentosa. (YAMANE; OLIVEIRA, 2012).

À época, os trabalhadores das farmácias tinham muitas origens; alguns eram formados em instituições acadêmicas e alguns nutriam o aprendizado do cotidiano do trabalho na farmácia. Não obstante, todos os que trabalhavam nestes balcões mantinham uma relação de muita proximidade com a população (YAMANE; OLIVEIRA, 2012). Numa época em que médicos de certa forma rareavam e onde surtos epidêmicos (como da malária e do tifo) eram comuns, além da constante presença de acidentes e ferimentos por ataque animal, os farmacêuticos eram largamente procurados pela população. Era comum que atendessem emergências mesmo pela madrugada, muitas vezes cumprindo um papel muito maior do que o da mercancia de medicamentos, avaliando doentes e realizando curativos (GAWRYSZEWSKI, 2014).

José Schietti e Orestes Medeiros Pullin, fundadores da Pharmacia Maria Izabel, trabalharam em conjunto por 27 anos, até 1966 - ano de falecimento de Orestes Medeiros Pullin. Houve por um curto período, uma sociedade com os seis funcionários mais antigos da empresa, a quem Schietti e Pullin haviam oferecido sociedade antes da morte do último. Contudo, os rendimentos do varejo não tornaram possível a continuidade da empreitada, de acordo com depoimento do próprio José Schietti anos mais tarde (UNFRIED, 2012. BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013).

Os trabalhos de Schietti e o legado da “Pharmacia Maria Izabel” continuaram. Schietti deu início a partir dos porões da loja, em 1969, a uma espécie de distribuição de medicamentos por atacado, e a atividade crescia conforme as atividades da farmácia se desaceleravam na competição com a concorrência. Em 1982, a “Maria Izabel” teve as

[9]Utensílio de moagem laboratorial. Pode-se encontrar este objeto na coleção “Pharmacia Maria Izabel”.

atividades encerradas, se transferindo do cotidiano da população londrinense para sua memória e para os livros que a registram. Foram 43 anos de uma longa história. A distribuidora fundada por José Schietti instalou-se próxima ao Shopping Catuaí, em espaço hoje ocupado pela Universidade Estadual de Londrina, e encerrou suas atividades na década de 1990 (UNFRIED, 2012. BONI; UNFRIED; BENATTO, 2013). A trajetória da empreitada que se iniciou com uma farmácia de manipulação e se concluiu com a distribuição em larga escala de medicamentos ilustra de forma privilegiada todo esse processo marcado pelas transformações nas formas de tratar e medicar de nosso mundo.

José Schietti faleceu em 2008, aos 89 anos de idade, com um importante e memorável legado. No ano de 1982, doou para o Museu Histórico de Londrina pedaços da história de décadas londrinenses na forma de instrumentos e pertences da antiga "Pharmacia Maria Izabel". As peças da coleção podem ser encontradas na base de dados Pergamum Museus e fazem parte das ações do projeto Museu Histórico de Londrina rumo aos 50 anos: conservação e disponibilização online de acervos.

Referências bibliográficas

BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri; BENATTO, Omeletino. **Memórias fotográficas:** a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/bdlf/ docs/2013_memorias-fotograficas_paulo-cesar-boni_etall_>. Acesso em: 15, mar. 2021.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Os primórdios da assistência à saúde em Londrina. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Assistência à saúde em Londrina:** primeiros anos. Londrina: UEL, 2014. Disponível em: <https://issuu.com/lediuel/docs/assistencia_a_saude_em_londrina_sit>. Acesso em: 15, mar. 2021.

LEITE, Maria Isabel. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. **Cadernos Cedes**, v. 26, n. 68, p. 74-85, 2006.

LUPORINI, Fábio. Morre aos 89 anos um dos pioneiros de Londrina. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17, out. 2008. Vida e cidadania. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/morre-aos-89-anos-um-dos-pioneiros-de-londrina-b8boq4x0iv5xsal2v5aiks1n2/>. Acesso em: 16, mar. 2021.

MICHETTI, Edmara. Pharmacia. **Folha de Londrina**, Londrina, 08, set. 1998. Folha Cidades. Disponível em: <https://www.folhadelondrina .com.br/cidades/pharmacia-39907.html>. Acesso em: 15, mar. 2021.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**, v. 30, p. 143-154, 2010.

UNFRIED, Rosana Aparecida Reineri. Imagem e memória como ferramentas de construção da história de Londrina – PR. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 13., 2012, Chapecó – SC. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2012. p. 1- 13. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/r30-140-1.pdf>. Acesso em: 16, mar 2021.

YAMANE, Áurea Keiko; OLIVEIRA, Célia Rodrigues de. Drogas, productos chimicos e outras especialidades pharmaceuticas. In: ALEGRO, Regina Célia. **Cuidar, curar, lembrar** – memória da saúde em Londrina. Londrina: UEL, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/museu /uploads/pagina/arquivos/Documenta _3_(835).pdf>. Acesso em: 16, mar. 2021.

2 ASAM

2.1 Guia para criação e gestão de Associações de Amigos de Museus

Conforme apresenta o "Guia para criação e gestão de Associações de Amigos de Museus", a Federação de Amigos de Museus do Brasil (FEAMBRA), fundada em 1989, é uma entidade sem fins lucrativos que tem por missão "colaborar na preservação e divulgação do Patrimônio Cultural do Brasil, por meio do desenvolvimento de Associações de Amigos de Museus, além de apoiar os museus, associações e entidades culturais em suas atividades para o enriquecimento cultural de nossa sociedade". Ainda, conforme o mesmo Guia, promove o voluntariado para promover a "formação de grupos que disseminem a cultura dos museus e o atraiam cada vez mais visitantes às instituições a que pertencem".

O "Guia para criação e gestão de Associações de Amigos de Museus", de 2014, tem como objetivo a instrução e incentivo à criação de associações que visam auxiliar instituições culturais no País. Está disponível para download gratuito no endereço: http://www.feambra.org/downloads/2014/guia_feambra_14/guia_feambra.pdf.

Esta publicação, a primeira do gênero no País – e uma das poucas no mundo – foi desenvolvida com o objetivo de mostrar como o trabalho voluntário em museus pode trazer
inúmeros benefícios, tanto para as instituições quanto para a própria sociedade.

O Guia tem uma linguagem direta e acessível, está dividido em capítulos e segue as diretrizes da Federação Mundial de Amigos de Museus (World Federation of Friends of Museums – WFFM).
O objetivo da FEAMBRA é incentivar os voluntários a colaborar com os museus, dando vi- sibilidade e mostrando que essa atividade pode ser feita na área cultural.

O brasileiro tem uma pré-disposição para fazer trabalhos voluntários, estimulados pelas próprias experiências
e exemplos internacionais. Apesar de estar amplamente divulgado em áreas como saúde, esporte e educação, o trabalho voluntário em museus é pouco conhecido por aqui", afirma a diretoraexecutiva da Feambra, Camila Leoni. O site da FEAMBRA é www.feambra.org.

Extraído de "Guia para criação e gestão de Associações de Amigos de Museus". FEAMBRA, 2014. E do site http://www.feambra.org.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;

- Título
- Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
- Resumo - máximo 50 palavras;
- Palavras-chave até 6 palavras;
- Texto com no mínimo 5 e no máximo 10 páginas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm)
- Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras
citadas no texto);
- Os textos deverão ser enviados para o e-mail bibmuseu@uel.br

2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.

3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

4. Nome completo do(s) autor(es) e seus dados em nota de rodapé.

5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital JPEG, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato Museu Histórico de Londrina
Fone: (43) 3323-0082 | bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Diretoria Acadêmica
Profª Drª Edméia Ribeiro

Secretaria
Cesar Augusto de Poli

Auxiliares Operacionais
André Luis da Silva
Alex Pereira
Neiva Lemes Albrecht Batista
Vanessa Andréia Borela Ferreira

Ação Educativa
Edeni Ramos Vilela

Biblioteca e Documentação / Imagem e Som
Rosangela Ricieri Haddad
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Objetos Tridimensionais
Amauri Ramos da Silva

Estágiários
Ana Carla Florio de Paiva / Beatriz Ozaki Batilani / Bianca de Lima Bondioli / Bruna Carolina Monteiro / Carlos Eduardo da Silva Carvalho / Daniele Caroline Antunes / Fernanda Brambila Moraes / Gabriel Arantes Correa / Gabriel Vieira Cardoso / Guilherme Tavares Lopes Balau / Isabella Ferreira Luiz / Julia Oliveira Cebulski / Luana Martina Magalhães Ueno / Lucas de Paiva Ribeiro / Luis Gustavo Cavalheiro Silva / Luiz Ricardo de Barros Silva / Mariana Silva Barbosa Zampronha / Marina dos Santos Galli / Natally de Britto Murback / Paloma Lucena Almeida / Rubia Fernandes da Silva / Sofia Denipoti de Oliveira / Vander Felipe Ortiz dos Santos

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Rua Benjamin Constant, n° 900 - Centro, Londrina - PR
CEP 86010-350 | Tel (43) 3323-0082 | museu@uel.br
www.uel.br/museu

Redes Sociais do Museu Histórico de Londrina

Museu Histórico de Londrina

@museuhistoricodelondrina

Museu Histórico de Londrina

Secretaria Municipal de Cultura